

revista

ILUMINART

IFSP

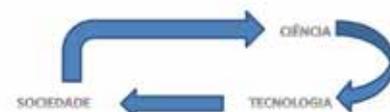
REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA • ANO V • Nº 10 • IFSP - CAMPUS SERTÃOZINHO • JUNHO / 2013



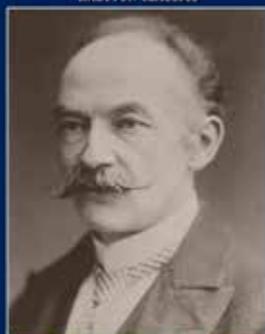
Proeja-FIC



ELEIÇÕES
IFSP 2012



HALCYON CLASSICS



THOMAS HARDY
TESS OF THE
D'URBERVILLES



- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 1: Primeiros quatrocentos anos de história do Brasil (1500 a 1900)
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 2: Das escolas de aprendizes artífices à Reforma Capanema
- Marcas e trajetórias da Educação profissional no Brasil
Parte 3: Dos anos 60 ao surgimento dos Institutos Federais
- A importância do trabalho de campo nas séries iniciais do ensino fundamental: "Fios e desafios no ensino da Cartografia Escolar"
- Avaliação diagnóstica inicial em turmas do Proeja - FIC: contribuições para uma aprendizagem significativa
- De Wessex para o mundo: a universalidade de *Tess of The D'urbervilles*
- Um estudo do espaço, identidade e do narrador em *O Sol se Põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho
- O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo: a importância da ciência, tecnologia e sociedade para o ensino
- Compreendendo a relação mãe e filha em uma experiência em Psicodiagnóstico Interventivo Infantil
- A Sociedade Digital e a Gestão da Educação Pública: o papel da coordenação pedagógica na escola
- *Lean Seis Sigma* (LSS): a implantação do LSS como resultado da aprendizagem e experiência através de um laboratório de aprendizagem (LA)
- Utilização de *software* livre *Blender* como ferramenta para a construção de material didático facilitador do processo de ensino e aprendizagem em química
- *Minimal cycles, neutral and non-neutral vertices in tournaments*
- Resenha: O Folhetim televisivo: a adaptação de *Incidente em Antares* para a televisão
- Relato de caso: Eleições para reitor e diretores gerais de *campi* do IFSP 2012 - Relatório da Comissão Eleitoral Central - CEC



CORPO EDITORIAL

Editor-chefe

Altamiro Xavier de Souza - IFSP

Editor substituto

Weslei Roberto Cândido - UEM

Conselho Editorial

Altamir Botoso – UNIMAR *
Ana Cristina Troncoso – UFF *
Andréia Ianuskiewtz – IFSP *
Anne Camila Knoll Domenici – IFSP
Antonio Sergio da Silva – UEG *
Antonio Sousa Santos – UFVJM *
Carlos Alexandre Terra – IFSP *
Gabriel Roberto Martins – IFSP
Janete Werle de Camargo Liberatori – IFSP *
José Carlos de Souza Kihl – FATEC *
Mauro Nicola Póvoas – FURG *
Plínio Alexandre dos Santos Caetano – IFSP
Reinaldo Tronto – IFSP *
Rodrigo Silva González – UFV *
Whisner Fraga Mamede – IFSP *

Conselho Consultivo

Alexandre do Nascimento Souza – USP
Alexandre Henrique de Martini – IFSP
Álvaro José Camargo Vieira – PUC-SP / FIT
Amadeu Moura Bego – IFSP
Amanda Leal Oliveira – USP
Amanda Ribeiro Vieira – IFSP
Ângela Vilma Santos Bispo – UFRB
Araci Molnar Alonso – USP/EMBRAPA DF
Cintia Almeida da Silva Santos – IFSP
Cristiane Cinat – UNESP
Denise Paranhos Ruys – IFSP

Eduardo André Mossin - IFSP
Eliana de Oliveira – FACFITO
Emanuel Carlos Rodrigues – IFSP
Eulália Nazaré Cardoso Machado – IFSP
Josilda Maria Belther – IFSP
Kjeld Aagaard Jakobsen – USP
Leandro Dias de Oliveira – UFRRJ
Luciana Brito – UENP / UEL
Luiz Carlos Leal Júnior – IFSP
Magno Alves de Oliveira – IFB
Marina P. A. Mello – FACFITO / UNICAIEIRAS
Marsele Machado Isidoro – IFSP
Nadja Maria Gomes Murta – UFVJM / PUC-SP
Pedro Cattapan – UFF
Pierre Gonçalves de Oliveira Filho – FAMEC
Ricardo Castro de Oliveira – UFSCAR
Rita de Cássia Bianchi – UNESP
Ronaldo de Oliveira Rodrigues – UFPA
Rosana Cambraia – UFVJM
Tânia Regina Montanha Toledo Scorparo – UENP
Vágner Rodrigues de Bessa – UFV
Wellington Luiz Alves Aranha – UNESP

Monitoria

Gabriel Roberto Martins – IFSP

Designer Gráfico

Nildo Xavier de Souza

Diretor Geral do IFSP - Campus Sertãozinho

Lacyr João Sverzut

Reitor do IFSP

Eduardo Antonio Modena

* Membros do Conselho Editorial que participam do Conselho Consultivo também.



REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA
ISSN 1984-8625
Fundada em 2008
Períodicidade Semestral

<http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/iluminart.html>

 revistailuminart@ifsp.edu.br / revista.iluminart@gmail.com

 <https://www.facebook.com/iluminart.iluminart>

www.ifsp.edu.br/sertaozinho
Rua Américo Ambrósio, 269 - Jd. Canaã
Sertãozinho - SP - Brasil - Cep: 14169-263
Tel.: +55 (16) 3946-1170

Copyright © Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Campus Sertãozinho

Para publicação, requer-se que os manuscritos submetidos a esta revista não tenham sido publicados anteriormente e não sejam submetidos ou publicados simultaneamente em outro periódico. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem permissão por escrito da detentora do copyright. O conteúdo dos artigos são de responsabilidade, única e exclusiva, dos respectivos autores.

PALAVRAS DO EDITOR

Chegamos ao 10º número!

E, o mais importante, chegamos fortes, com disposição de elevarmos o padrão da **Illuminart**. Transformá-la cada vez mais em um farol, um canal de comunicação entre o IFSP e a comunidade acadêmica de um modo geral; pois através de pesquisas transformadas em artigos conseguimos aprender sobre o que se produz interna e externamente à Instituição. São artigos recebidos de todas as regiões do Brasil, com diversidade de temas, assuntos e estilos de escrita.

Internamente, o IFSP passa por um período de transição. O processo de escolha do novo reitor – o primeiro eleito pelos seus pares (o reitor anterior foi eleito ainda como Diretor Geral e transformado em *pro-tempore* pelo Ministro da Educação) – foi desgastante para toda comunidade, evidenciando a falta de maturidade política de seus membros, quer sejam candidatos, simpatizantes, eleitores quer sejam organizadores do processo eleitoral. Cada segmento em seu papel mostrou o quanto estamos longe de sermos uma democracia participativa madura e saudável.

Toda esta experiência, na visão da Comissão Eleitoral Central – CEC – está registrada em seu relatório final sobre o que aconteceu em 2012. O Conselho Editorial da **Illuminart** resolveu publicar este relatório na sua íntegra, com o objetivo de fazer um registro histórico através do olhar do órgão oficial escolhido para conduzir este complexo processo eleitoral. Além de escolher o reitor em 26 *campi* espalhados pelo estado, a CEC ficou responsável em conduzir a eleição de sete diretores gerais de *campi*. Como outras versões sobre os fatos podem ser apresentadas, foi escolhido o relatório aprovado pelo Conselho Superior do IFSP.

No momento em que escrevo estas palavras, no Brasil estão ocorrendo diversas manifestações que começaram devido ao aumento da passagem de transporte público urbano. Este motivo, sem dúvida, é a “gota d’água” que faltava em um mar de insatisfações com nosso sistema político – no qual os “nossos” representantes não nos representam e os poderes constituídos cada vez mais se distanciam dos anseios e necessidades da população. Vivemos a falta de um serviço público com qualidade em todos os setores – menos na cobrança de impostos – e a sensação de impunidade aos erros e desvios cometidos pelos detentores do poder – no Executivo, Legislativo e não menos no Judiciário fez a população ir às ruas.

O que resultará disto? Não podemos prever.

Mas, assim como no IFSP, precisamos amadurecer enquanto nação. A transição, em geral, é difícil, muitas vezes dolorida, porém necessária. Faz-se imprescindível encontrar novas formas de compartilhar as decisões e responsabilidades; elaborar mecanismos de ajustes ao caminho traçado em prol do bem maior – seja ele qual for, e, respeito, tanto pelos indivíduos e sua história pessoal quanto pela comunidade.

Chegamos ao décimo número comemorando o trajeto percorrido pela **Illuminart**, o momento do IFSP e do Brasil, sabendo que há muito a ser feito, mas com plena convicção de que é possível fazê-lo.

Altamiro Xavier de Souza

Editor Chefe

Docente do IFSP – Campus Sertãozinho
altamirox@gmail.com

EDITORIAL

“Uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias.”
(Guimarães Rosa).

Podem as palavras compor a verdadeira ordem das revoluções e compreender os movimentos de agitação política que ocorrem no país? Talvez não possam, mas são com palavras e discursos que se constroem um mundo melhor ou pior. Tudo começa, atíça-se ou se incendeia por meio dos signos verbais que se tem à disposição.

A **Revista Iluminart** em sua décima edição olha o mundo por meio das palavras, seu veículo mais forte de transmissão das ideias, das pesquisas e dos ideais que surgem nas salas de aula, no silêncio das pesquisas em uma escrivania, na tentativa de diálogo em busca da democracia política e educacional das organizações escolares do país.

Ao seu modo, a presente edição retrata este momento de agitação e de efervescência das ideias que proliferam em todas as partes mais recônditas do Brasil. Os três primeiros artigos retratam o surgimento e desenvolvimento da educação profissional no país, desde seus primórdios até a constituição dos chamados Institutos Federais de Educação Ciência e Tecnologia.

O tema do quarto artigo continua sendo a educação. Muda-se apenas a perspectiva de análise, agora a geografia e o seu campo de aplicação: o município de Sumaré-SP. O quinto artigo também trilha os caminhos educacionais, versando sobre o PROEJA-FIC, que visa analisar os processos de avaliação diagnóstica a fim de melhorar o ensino/aprendizagem desse público aprendiz.

Ao prosseguir na leitura, encontra-se uma reflexão sobre o romance *Tess of the d'Urbervilles*, de Thomas Hardy e o contexto da revolução industrial que afeta os modos de produção na zona rural inglesa. Embora seja um artigo sobre literatura, o olhar sobre a sociedade continua a permear este número da **Iluminart**.

Sai-se da Inglaterra e chega-se a uma das maiores metrópoles do mundo com a análise do romance *O sol se põe em São Paulo*, de Bernardo Carvalho, momento em que questões de identidade e espaço são discutidas por meio da pesquisa apresentada; assim viaja-se do campo para a cidade.

Após tomar este breve fôlego pela literatura, o IFSP volta a ser o centro das investigações novamente. O artigo discute a formação do Instituto Federal de São Paulo pelo viés da CTS – Ciência, Tecnologia e Sociedade – e sua importância para compreender a regulação democrática dentro deste centro educacional.

Na sequência o leitor encontrará uma pesquisa na área de psicodiagnóstico, focando as relações entre mãe e filha, por meio de um estudo qualitativo que busca conhecer os motivos dos desajustamentos geradores de sofrimentos psíquicos.

A educação volta a ser a pauta do próximo artigo. A discussão gira em torno da ampliação do acesso à internet nos ambientes educacionais como forma de alcançar a democratização da informação, que hoje se transformou em um bem precioso.

O leitor do presente número também encontrará um estudo sobre a aplicação do sistema de gestão *Lean Six Sigma*, que tem por objetivo evitar os desperdícios. Desta forma, o artigo mostrará como foi a implantação desse método de produção em uma empresa real, possibilitando avaliar sua eficácia.

A área de química é contemplada com o estudo sobre a aplicação do software *Blender* para o uso no ensino de conceitos químicos; por meio dele o objetivo é facilitar o ensino/aprendizagem dos alunos, substituindo modelos estáticos de reações químicas por representações dinâmicas proporcionadas pelo programa de animação *Blender*.

Além disso, a revista apresenta o artigo de renomados autores da área de Matemática que discute conceitos de ciclos minimais, vértices neutrais e não-neutrais em torneios. Certamente, leitores especializados em estudos matemáticos terão um ótimo material em que basear novas pesquisas e aprofundar seus conhecimentos.

Para terminar, há a resenha sobre o livro *A presença do folhetim na minissérie Incidente em Antares*, um estudo dedicado à adaptação do romance de Érico Veríssimo para uma série televisiva.

Esperamos que este número da **Iluminart** mesmo sendo organizado com palavras arranjadas, sirva de instrumento para pensar este Brasil feito de “pessoas de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias”, melhorando a qualidade de vida delas, por meio dos estudos críticos que aqui se apresentam. Afinal, para que servem os estudos, senão para alterar o país onde vivemos?

Weslei Roberto Cândido
Editor Adjunto
Docente da UEM – Universidade Estadual de Maringá
weslei79@gmail.com



AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA INICIAL EM TURMAS DO PROEJA-FIC: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

ALINE GRACIELE MENDONÇA

Mestranda pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia e pós-graduação *lato sensu* “Produção de Texto na Escola”. Atua como Pedagoga no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - *campus* Birigui.

Contato: aline.g.a@hotmail.com

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA INICIAL EM TURMAS DO PROEJA-FIC: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Aline Graciele Mendonça

RESUMO: O presente trabalho, de estudo bibliográfico, tem como objetivo subsidiar professores que lecionam nas turmas dos cursos PROEJA – FIC - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Formação Inicial e Continuada com o Ensino Fundamental - acerca da avaliação da aprendizagem, propondo a utilização de fichas diagnósticas como registro de avaliação inicial, a ser realizada com os alunos no início do curso, para levantamento de conhecimentos prévios, possibilitando conhecer a realidade dos mesmos. Esse registro do perfil da sala, elaborado pelo professor, demonstrando quais conhecimentos esse considera necessário à sua disciplina, contribuirá para elaboração de estratégias de ensino e planejamento de atividades voltadas a uma aprendizagem significativa, proporcionando aulas contextualizadas e melhorando a motivação dos alunos para aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Séries iniciais do Ensino Fundamental; Educação de Jovens e Adultos; Educação Profissional; Avaliação da aprendizagem.

INITIAL DIAGNOSTIC EVALUATION IN CLASSES OF THE PROEJA-FIC: CONTRIBUTIONS FOR A SIGNIFICANT LEARNING

ABSTRACT: The present work, a bibliographic study, aims at subsidizing teachers who teach classes in PROEJA - FIC - National Program for Integration of Professional Education with Basic Education in Modality of Youth and Adult Education, Initial Formation and Continued with Elementary School - about learning evaluation, proposing the use of diagnostic cards as records of the initial evaluation, to be performed with students at the beginning of the course, to detect their previous knowledge, thus enabling the teacher to know their reality. This register of the class profile, elaborated by the teacher, demonstrating what knowledge he/she considers necessary to his/her discipline will contribute for the elaboration of teaching strategies and planning activities aimed at meaningful learning, providing contextualized lessons and improving student's motivation for learning.

KEYWORDS: Initial series of Elementary School; Education for Youths and Adults; Professional Education; Evaluation of learning.

1 INTRODUÇÃO

Muitas vezes é preciso reconstruir o olhar, num movimento que requer a desconstrução do modo como se interpreta a realidade e se organiza a vida. (ESTEBAN, 2003, p. 26)

A educação profissional vem se expandindo consideravelmente nos últimos anos, sendo questão de reflexão e debates. A crescente demanda por formação profissional no país vem gerando um grande aumento na expansão de escolas de educação profissional e aumento na oferta de vagas em todos os ramos de atividades. Essa preocupação se estende também a Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Para integrar educação profissional e EJA, o Governo Federal instituiu com o Decreto nº 5478, de 24 de Junho de 2005, o PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e adultos - com o objetivo de ampliar a oferta de vagas no ensino médio para os jovens e adultos e oferecer a este público a possibilidade de frequentar um curso que integrasse a formação profissional e a formação básica, superando a dualidade trabalho manual e intelectual.

Desde sua instituição o Programa vem evoluindo e se ampliando, tendo dois marcos importantes desde sua criação em 2005. O primeiro foi em 2006, pelo decreto nº 5.840, de 13 de julho, que revoga o decreto anterior supramencionado, aumentando a abrangência do PROEJA para o público do ensino fundamental da EJA, uma vez que, no decreto anterior, esses cursos eram destinados apenas aos alunos da EJA que estivessem cursando o ensino médio, última etapa da educação básica. (BRASIL, 2012a)

O segundo ocorrido em 2009, buscando a ampliação da oferta de formação para trabalhadores, ocorreu pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC do Ministério da Educação- MEC que convidou as Instituições Federais a firmarem parcerias e implantar o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, Formação Inicial e Continuada com o Ensino Fundamental, denominado PROEJA FIC, ofertado a alunos não alfabetizados, que iriam iniciar a EJA no primeiro ano do ensino fundamental. (BRASIL, 2012c)

Esse estudo é resultado de reflexões originadas após trabalho em uma dessas parcerias entre uma instituição federal e prefeituras para a oferta de turmas de PROEJA –FIC, cujo público de alunos, em sua maioria, não eram alfabetizados e estavam iniciando o primeiro ciclo do ensino fundamental, denominado de Termo I. Nesta parceria os alunos da EJA possuíam uma carga horária de 1400h, sendo um projeto integrado de 1200h da EJA e 200h de qualificação profissional. Portanto lecionavam para os alunos, professor alfabetizador e professores da área profissionalizante. (BRASIL, 2012b)

É no contexto desses cursos, voltados a formação profissional e a alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental que desenvolvemos os estudos acerca das contribuições da avaliação diagnóstica inicial, como um instrumento importante que considera a realidade local das turmas no processo ensino/aprendizagem. Como afirmam Gadotti, Freire e Guimarães (1995) e Barcelos (2009) se partirmos do contexto, da realidade dos educandos, reconhecendo sua história, sua percepção de mundo damos voz para que, a partir de seus saberes, construam novos. Porém “se o ponto de partida está em nós, os chamados intelectuais, não há nenhum outro caminho se não o do autoritarismo”. (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1995, p.55)

Refletindo as afirmações dos autores supramencionados, temos a clareza da importância de valorizar e reconhecer a realidade do estudante, tornando sua aprendizagem significativa, possibilitando participarem ativamente da construção desse processo. Essa aprendizagem significativa faz grande diferença para os alunos da educação de jovens e adultos, que chegam às salas de aula, na maioria em período noturno, depois de um dia inteiro de trabalho e precisam ser motivados à participação, ao diálogo, à aprendizagem e não submetidos a conteúdos totalmente descontextualizados de suas realidades os fazendo se sentirem como “peixes fora d’água”.

Subsidiados nesse enfoque de aprendizagem significativa, consideramos a avaliação uma estratégia mediadora desse processo, em que destacamos a importância de realizar uma avaliação diagnóstica inicial e registrar seus resultados para contribuir no planejamento do professor e no acompanhamento da evolução do aluno quanto a aprendizagem.

2 AVALIAÇÃO NO PROEJA – FIC E A UTILIZAÇÃO DE FICHAS DIAGNÓSTICAS INICIAIS

Um referencial importante que aborda a aprendizagem significativa no PROEJA – FIC é seu Documento Base (MEC, 2007), que aponta como princípio de fundamentação do PROEJA a aprendizagem e os conhecimentos significativos:

A aprendizagem significativa é o processo pelo qual um novo conhecimento relaciona-se com os anteriormente construídos, ou seja, com os conhecimentos prévios. Do mesmo modo, os conhecimentos significativos são aqueles que se relacionam com a vivência, a prática e o cotidiano do trabalhador e que lhe permitem, a partir da motivação, a aquisição de novos conhecimentos. (MEC, 2007, p. 29)

O documento aborda vários outros princípios para fundamentação do PROEJA, dos quais citamos também o da avaliação enquanto processo, sendo concebida como diagnóstico orientador para promoção da aprendizagem. (MEC, 2007)

Para que a avaliação realmente contribua para aprendizagem dos alunos necessita ser contínua, reflexiva, com a finalidade de impulsionar, pelo acompanhamento, a aprendizagem do aluno e não apenas aprová-lo ou reprová-lo. Nesse contexto não utilizamos a avaliação apenas para classificar o aluno em aprovado ou reprovado, mas sim para mediar sua aprendizagem, com análises, interpretações, investigações de como o aluno está se desenvolvendo cognitivamente, por meio de diversos instrumentos, sejam verbais, escritos, coletivos, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, como propõe a atual lei de diretrizes e bases da educação nacional nº 9394, de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 24, inciso V, alínea a: “V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;”

Conforme Hoffman (2009) a avaliação tem que ser mediadora, acompanhar o aluno em todo o processo, sendo essa realizada com base em alguns princípios, que consideramos importantes para o trabalho com as turmas do PROEJA:

- oportunizar aos alunos muitos momentos de expressar suas ideias;
- oportunizar discussão entre os alunos a partir de situações desencadeadoras;
- realizar várias tarefas individuais, menores e sucessivas, investigando teoricamente, procurando entender razões para as respostas apresentadas pelos estudantes;
- em vez de certo/errado e da atribuição de pontos, fazer comentários sobre as tarefas dos alunos, auxiliando-os a localizar as dificuldades, oferecendo-lhes oportunidades de descobrirem melhores soluções;
- transformar os registros de avaliação em anotações significativas sobre o acompanhamento dos alunos em seu processo de construção de conhecimento. (HOFFMAN, 2009, p. 65-66)

Por serem, os alunos do PROEJA- FIC, na grande maioria, adultos ou idosos, esses possuem muitas experiências de vida, por isso a importância de oportunizar, durante as aulas, que relacionem o conhecimento aprendido com suas vivências, assim a comunicação verbal se torna um bom instrumento avaliativo nas aulas profissionalizantes, em que os professores relatam dificuldades em avaliar por serem alunos ainda analfabetos, com dificuldades em se manifestarem

pela escrita. Outro fato a se considerar para o ensino nessas turmas é a dificuldade de memorizar, encontrada algumas vezes, daí a importância da realização de várias tarefas, menores, sucessivas e constantes, não deixando para avaliar apenas no final de um módulo ou bimestre, pois isso prejudicaria a intervenção das dificuldades do aluno, sendo o ideal a cada aula retomar o assunto abordado e já avaliar o que os alunos conseguiram assimilar ou não, servindo esta avaliação para o planejamento da aula posterior. Por fim citamos a correção das atividades avaliativas, em que a autora menciona ser necessário comentar a devolutiva dos resultados ao invés de apenas os aferir em certo ou errado, possibilitando, com esses comentários, a reflexão e a aprendizagem dos alunos.

Conforme Esteban (2003, p. 134) “A avaliação faz parte do ato educativo, do processo de aprendizagem. Avalia-se para diagnosticar avanços e entraves, para intervir, agir, problematizando, interferindo e redefinindo os rumos e caminhos a serem percorridos.” Baseando-se nessa concepção de avaliação enquanto processo e não enquanto produto, que trataremos da avaliação diagnóstica inicial, como instrumento orientador do processo de ensino e aprendizagem.

A avaliação enquanto processo de acompanhamento da aprendizagem, pode ser norteadora do planejamento de nossas metodologias de ensino, tornando sua realização, no início do curso, essencial para sabermos que conhecimentos prévios nossos alunos possuem referente ao conteúdo que pretendemos trabalhar. Depresbiteris e Tavares (2009, p. 47) afirma que “Graças ao que o aluno já sabe, pode fazer a primeira leitura do material e atribuir o primeiro significado ao processo de aprendizagem. A aprendizagem é mais significativa quanto mais relações com o sentido o educando for capaz de estabelecer.”

Para realização da avaliação inicial é necessária uma visão ampla e detalhada pelo professor de sua disciplina, conhecendo quais conhecimentos prévios são necessários para a aprendizagem de seus alunos.

Nesta avaliação inicial o professor irá conhecer o perfil da sala, podendo comparar o saber do aluno com o saber pretendido, enxergando a contradição que existe em ambos e assim planejar atividades para que o aluno também enxergue esta contradição entre o seu saber inicial e o saber pretendido pelo professor. Após esta etapa fica mais fácil para o professor elaborar sua intervenção para que o aluno supere seu conhecimento inicial e aprenda o saber pretendido pelo professor, ou seja, pelas intervenções realizadas por meio de questionamentos do professor acontece a superação dos conhecimentos prévios pelos alunos. (ARNONI, 2007)

Por ser o PROEJA um projeto em parceria é importante que tanto os professores envolvidos na aprendizagem da alfabetização (Professores da EJA), quanto os professores das disciplinas profissionalizantes dialoguem e troquem informações sobre esta avaliação inicial. O

registro da avaliação é essencial para subsidiar o planejamento do professor e para que ao final do curso ele possa comparar a evolução dos alunos. Esse registro pode ser feito de diversas maneiras como relatórios, fichas, mapas, das quais sugerimos as fichas diagnósticas iniciais, para construção de um perfil da sala constando os conhecimentos verificados acerca da escrita, do cálculo, do conhecimento dos números, da utilização destes em sua vida, das experiências profissionais ou até mesmo das atividades do lar realizadas por estes até a data atual. Questões sociais também podem ser incluídas nessas fichas.

As fichas diagnósticas, que nesse trabalho, vamos chamar de iniciais, por serem aplicadas no início das aulas são registros de um instrumento avaliativo voltado a conhecer o que o aluno sabe sobre o conteúdo a ser abordado. No caso da Educação de Jovens e Adultos-EJA, séries iniciais do ensino fundamental, o conteúdo principal é a alfabetização tanto da linguagem escrita quanto matemática. Nesse contexto as fichas serviriam para conhecer o que os alunos sabem sobre a linguagem escrita e sobre os números. Tal conhecimento pode ser verificado por meio de entrevistas, avaliações orais ou escrita, demonstrando o que ele conhece sobre o código escrito.

Para exemplificar o registro por fichas diagnósticas, expomos algumas possibilidades, demonstradas nos quadros 1, 2 e 3, apresentadas em cursos de capacitação de professores do PROEJA em uma escola técnica profissionalizante do interior do estado de São Paulo:

Quadro 1- Exemplo de ficha diagnóstica inicial para professores da EJA

Nome do Aluno	Sabe escrever seu nome completo Sim/não	Escrita		Quanto à leitura			Conhece os numerais	Realiza cálculos mentais no dia a dia para fazer compras, por exemplo.
		O que sabe sobre a escrita	Utiliza a escrita em alguma ocasião	Não lê	Realiza algumas leituras com muita dificuldade "silabando"	Realiza leitura		

Fonte: Mendonça (2012)

No Quadro 1 encontramos sugestões de conhecimentos acerca da alfabetização para subsidiar o trabalho dos professores que lecionam a parte regular dos cursos PROEJA-FIC, os professores da EJA. É importante que esse professor, após diagnóstico da sala, compartilhe os resultados com os professores que lecionam a parte profissionalizante buscando uma integração dos cursos, favorecendo o trabalho de ambos.

Alfabetização é a base para construção de uma sociedade democrática conhecedora de seus direitos e deveres por influenciar no pensar dos homens diante da realidade que estão

inseridos. Como retrata Pedro Demo (2006, p. 28) “O sentido mais profundo da alfabetização é propiciar ao aluno oportunidade de, sabendo ler e escrever compreensivamente, significativamente, tomar conta de seu destino com autonomia”. Nesse contexto alfabetizar vai muito além de decodificar símbolos, significa escrever e ler, não só palavras, mas todos os símbolos existentes, ou seja, ler o mundo ao qual se está inserido, compreendendo-o e o transformando. Seu ensino envolve várias dimensões devendo ser ensinado sistematicamente abrangendo habilidades técnicas e de linguagem escrita, “sendo que uma complementa a outra e devem ser ensinadas simultaneamente, garantindo uma aprendizagem eficaz, que dê autonomia de leitura ao aluno e que seja significativa garantindo a ele a possibilidade de refletir criticamente.” (MENDONÇA, 2011, p. 39)

A avaliação diagnóstica inicial possibilita demonstrar quais conhecimentos os alunos possuem sobre a escrita possibilitando ao professor elaborar estratégias voltadas a realidade de sua sala, podendo atuar nas dificuldades dos alunos contribuindo para o avanço dos mesmos. Conforme Weiz e Sanches (2006, p. 93), “conhecer essas ideias e representações prévias ajuda muito na hora de construir uma situação na qual o aluno terá de usar o que já sabe para aprender o que ainda não sabe.”.

A ficha diagnóstica traz informações acerca de todos os alunos, quanto a escrita e a leitura, uma vez que por serem jovens, adultos ou idosos já tiveram contato com a escrita ou com a leitura informalmente no decorrer da vida. Muitos alunos que ingressam na EJA conhecem as letras, sabem escrever seu nome, decodificam algumas palavras, mas não possuem leitura fluente e compreensiva. Outros conseguem até ler algumas palavras, das quais tiveram mais contato em seu dia-a-dia, mas não conseguem escrever, nem codificar outras palavras. Temos também aquele que não consegue escrever seu próprio nome, sentindo-se constrangido quando o educador solicita que coloque seu nome nos trabalhos. Portanto a sala da EJA é bastante heterogênea, sendo imprescindível conhecer essa realidade para iniciar o trabalho. Este é o papel das fichas diagnósticas iniciais, mostrar uma visão geral ao professor sobre o que seus alunos sabem sobre a escrita.

Ter essa ficha diagnóstica da sala de aula possibilita ao professor utilizar como estratégia de ensino os agrupamentos, agrupando os alunos de acordo com suas dificuldades, de modo que uns possam contribuir para aprendizagem do outro:

Agrupar os alunos deve ser uma ação intencional e criteriosamente planejada pelo professor. Tal ação deve estar baseada em três aspectos: o conhecimento dos alunos sobre o que se pretende ensinar, as características pessoais dos alunos e a clareza do objetivo da atividade que se pretende propor. (SÃO PAULO, 2007, p. 1)

O trabalho com agrupamentos é um valioso instrumento em salas heterogêneas, porém para ter um bom resultado o professor precisa conhecer seus alunos, tanto as características pessoais, para não correr o risco de agrupar alunos que não se suportam, quanto o conhecimento prévio dos alunos sobre o conteúdo a ser abordado, de modo que nos agrupamentos todos participem ativamente, propiciando a troca de conhecimentos na resolução das atividades.

Outra vantagem da utilização das fichas diagnósticas é poder trabalhar diretamente com as dificuldades que os alunos apresentaram em seus conhecimentos prévios, além de servir também como objeto de acompanhamento do aluno, permitindo ao professor saber como o aluno ingressou e como está evoluindo em sua aprendizagem ao comparar resultados de avaliações no decorrer do ano com esta sondagem inicial.

A ficha diagnóstica aqui mencionada é um exemplo podendo ser modificada pelo professor de acordo com suas necessidades, por exemplo, incluir o que os alunos gostariam de aprender a ler, pois muitos querem apenas ler a bíblia, poder preencher um cupom de promoções no supermercado, etc. Conhecer essas necessidades de leitura gera dicas ao professor de materiais para trabalhar em sala de aula, tornando a aula significativa.

Destacamos também a importância das fichas diagnósticas para os professores que lecionam a parte profissionalizante dos cursos do PROEJA – FIC, como instrumento para o professor elaborar suas aulas e saber quais recursos utilizar, como por exemplo, em uma sala que muitos dos alunos não escrevem nem o próprio nome, fica inviável realizar atividades individuais escritas, devendo o professor ser escriba e leitor nessas atividades, utilizando mais recursos visuais, orais e práticos.

Quadro 2- Exemplo de ficha diagnóstica inicial PROEJA-FIC - curso: auxiliar eletricitista

Nome do Aluno	Consegue se expressar com clareza Sim/não	Facilidade em trabalhar em grupo participando das atividades concretamente. Sim/não	Conhecimentos prévios sobre prática em instalações elétricas				Já trabalhou? Se sim especificar dois últimos empregos - Função desempenhada		
			Nenhum	Apenas realiza alguns reparos na residência	Já trabalhou na área.		Nunca	1º	2º
					Não	Sim. Especifique			

Fonte: Mendonça (2012)

Quadro 3 - Exemplo de ficha diagnóstica inicial PROEJA-FIC - curso: manutenção de computadores e instalação física de redes

Nome do Aluno	Consegue se expressar com clareza Sim/não	Facilidade em trabalhar em grupo participando das atividades concretamente. Sim/não	Conhecimentos prévios sobre informática				Já trabalhou? Se sim quais os dois últimos empregos - Função desempenhada		
			nenhum	Utiliza o computador de vez em quando, mas não possui nenhum curso.	Possui curso básico de informática, mas não possui computador e não o utiliza.	Possui curso e utiliza com frequência o computador.	nunca	1º	2º

Fonte: Mendonça (2012)

Nos Quadros 2 e 3 temos exemplos de Fichas diagnósticas a serem realizadas em dois cursos profissionalizantes do PROEJA-FIC. Importante salientar que as questões elaboradas nesses dois quadros são apenas de referência, devendo estas serem elaboradas pela equipe de professores com formação na área técnica profissionalizante, uma vez que possuem o conhecimento específico necessário, como argumenta Depresbiteris e Tavares (2009, p. 64) “(...) seja qual for o instrumento a ser elaborado, é pré-requisito ter referencial do que deve ser ensinado e avaliado.”

Com o mesmo objetivo da ficha diagnóstica inicial para professores da EJA, as fichas desenvolvidas nas disciplinas profissionalizantes possibilitam aos professores uma visão inicial da realidade de seus alunos, seus conhecimentos acerca do conteúdo a ser ensinado. Para um professor que irá ensinar informática, por exemplo, saber se seus alunos conhecem ou sabem usar o computador, ligar, desligar, acessar a internet, já é um requisito para o preparo de suas aulas, pois muitas vezes os alunos do PROEJA nunca tiveram acesso a um computador. Em acordo com os pensamentos de Weiz e Sanches (2006), o conhecimento acerca do que o aluno sabe possibilita ao professor elaborar atividades possíveis, ou seja, desafiadoras, mas não tão difíceis e distantes da realidade deles ao ponto que não consigam desenvolvê-las.

Questões voltadas à realidade do aluno, como se ele tem facilidade em trabalhar em grupo, se expressar, ou até se já trabalhou, são importantes para a proposta de agrupamentos, já mencionada anteriormente, e também para contribuir com temas para as aulas profissionalizantes, de modo que o professor possa relacionar o que o aluno conhece com o conteúdo a ser aprendido. Podemos citar como exemplo, a contribuição de um aluno que já realiza pequenos

reparos elétricos em casa, podendo relatar exemplos do que faz, possibilitando ao professor mediar se ele faz corretamente ou não, se conhece as regras de segurança, etc.

Estas fichas exemplificadas nos quadros 2 e 3 podem ser preenchidas por meio de entrevistas, com a ajuda do professor alfabetizador, por meio de dinâmicas, aulas práticas, relatos orais, enfim, observações nos primeiros dias de aula. O essencial é o professor possuir nesses primeiros dias o perfil de sua sala, apoiando-o para elaboração de estratégias e metodologias de ensino. Conforme Bloom, Hastings e Madaus (1983, p. 17) o professor quando planeja sua aula pode supor as características de seus alunos para sua disciplina, porém essas suposições podem não ser precisas e no decorrer da disciplina terá que rever as estratégias de ensino que planejou, por isso é necessário que o professor realize o diagnóstico das “características relevantes de seus alunos na época em que ingressam no curso ou programa. Ele deve ter conhecimento da prontidão de seus alunos para as tarefas de aprendizagem (...)”

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar a educação de Jovens e Adultos não alfabetizados e integrar esta à qualificação profissional é um dos desafios dos cursos na modalidade PROEJA – FIC. Esse desafio envolve muitas questões não abordadas nesse texto, como integração curricular, políticas públicas, inserção social e outras, porém a possibilidade de conhecer esse público de alunos no seu ingresso, com registros específicos que possibilite aos professores envolvidos, no lugar de suposições de perfis de alunos, terem dados reais, que constem o que eles precisam saber sobre seus alunos, pode contribuir com a qualidade de ensino e influenciar nessas outras questões não abordadas, principalmente na elaboração do currículo integrado.

Alguns poderiam considerar “perda de tempo” ter que elaborar essas fichas e as refletir, porém no decorrer do ano perceberá que se trata de “ganhar tempo”, desenvolvendo atividades pertinentes à realidade dos alunos, motivando-os à aprendizagem significativa. Esse conhecimento acerca de seus alunos evita aulas descontextualizadas, nas quais os professores preparam com muita qualidade e dedicação, porém durante sua realização se decepcionam com o resultado das mesmas não obtendo dos alunos o retorno idealizado.

As fichas diagnósticas apresentadas são como apoio, devendo o professor as elaborar com base em suas experiências profissionais e seus conhecimentos específicos a cerca da disciplina, sendo muito importante todo esse processo ter sentido para o professor, que deve ter clareza dos objetivos que pretende alcançar. Os saberes dos alunos diagnosticados devem

contribuir para o planejamento das aulas e para a avaliação dos mesmos, sendo essa vista como processo de acompanhamento da aprendizagem.

Esclarecemos que a avaliação diagnóstica inicial é apenas uma etapa da avaliação da aprendizagem, devendo ser dialogada com os alunos e comparada com as demais avaliações no decorrer do período, de modo que o professor possa acompanhar a evolução de sua sala e refletir continuamente sua prática e que o aluno possa ter clareza do quanto aprendeu e do quanto ainda precisa evoluir. Trata-se de um contínuo: avaliar, executar, refletir, avaliar, executar, refletir em que tanto professor quanto alunos participam ativamente do processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNONI, M. E. B. Metodologia da Mediação Dialética. In: OLIVEIRA, E. M.; ALMEIDA, J. L. V.; ARNONI, M. E. B. **Mediação dialética na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 119-171.

BARCELO, V. **Formação de professores para educação de jovens e adultos**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 108 p.

BLOOM, B. S; HASTINGS, J. T; MADAUS, G. F. **Manual de Avaliação Formativa e Somativa do aprendizado escolar**. Tradução de Lilian Rochlitz Quintão, Maria Cristina Fioratti Flores e Maria Eugênia Vanzolini. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1983. p. 05-20.

BRASIL. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 7, 14 jul. 2006.

BRASIL. Decreto nº 5478, de 24 de Junho de 2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 4, 27 jun. 2005.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **PROEJA**: apresentação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12288&Itemid=567>. Acesso em: 17 nov. 2012a.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **PROEJA**: apresentação/ perguntas e respostas sobre Proeja. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12288&Itemid=567>. Acesso em: 17 nov. 2012b.

BRASIL. Ministério da Educação - MEC. **PROEJA**: saiba mais. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12294&Itemid=569>. Acesso em: 17 nov. 2012c.

DEMO, P. Alfabetização e Letramento. In: **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006. p.13-42.

DEPRESBITERIS. L; TAVARES. M. R. **Diversificar é preciso...: instrumentos e técnicas de avaliação de aprendizagem.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2009. 192 p.

ESTEBAN. M. T. (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 142 p.

GADOTTI, M; FREIRE, P; GUIMARÃES, S. **Pedagogia: diálogo e conflito.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995. p. 54-55.

HOFFMAN, J. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** ed. atual. e rev. Porto Alegre: Mediação, 2009. p.55-78

MEC. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **PROEJA: Programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos- Formação inicial e continuada.** Documento Base. Brasília. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/proeja_fundamental_ok.pdf>

MENDONÇA, A. G. Módulo III – Estratégias de ensino/aprendizagem e Avaliação. **Capacitação PROEJA-FIC**, 2012, IFSP – *Campus* Birigui.

MENDONÇA, A. G. **Práticas metodológicas na alfabetização: um estudo sobre o processo de aprendizagem.** 2011. Trabalho de Conclusão de curso (Pós-Graduação *Lato Sensu* em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia de Birigui, Birigui. 2011.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Programa de Formação de Professores Alfabetizadores Letra e Vida: Coletânea de textos.** v. 2. São Paulo, 2007. p. m2u2t6 1-2.

WEIZ, T; SANCHES, A. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2 ed. São Paulo: Ática, 2006.